

— Já ganhei um refrigerante com refil infinito que nunca acaba! — Eu tenho um milk tea. — Eu tenho um canteiro de cebolinhas que nunca para de crescer... Ao ouvir a conversa esquisita do grupo, Miyami Rokuyo cobriu a testa com a mão, o canto da boca contraindo involuntariamente. [Cara...] Então não era garantido ganhar habilidades ao completar o jogo? [CARAMBA!] Afinal, o sortudo aqui era ELE mesmo? Naquele momento, ele segurou o impulso de soltar um comentário ácido e apenas acenou com a mão, cansado: — Tá bom, tá bom... guardem essas coisas, mas não usem sem critério, especialmente comida e itens médicos. E você, o das cebolinhas infinitas, comece a colher agora mesmo e armazene tudo direitinho! — Além disso, sigam as instruções. A Lady Kaguya vai recompensar todo mundo conforme a contribuição de cada um. — Entendido! O grupo pareceu revigorado, os olhos brilhando de animação. — Certo. Homens, peguem armas e patrulhem o prédio. Se encontrarem sobreviventes, não se aproximem de qualquer jeito. Cuidado! Se rolar perigo, gritem por ajuda. Aqui está meu número. — Mulheres, vão ajudar a Lady Kaguya no pátio. — Dispensados! [...] O pátio já estava um pouco caótico, mas, como já estavam preparados, a confusão foi controlada rapidamente. E foi isso que finalmente convenceu todo mundo de que o tal "apocalipse" era real. Exceto por alguns mais frágeis emocionalmente, o sentimento de união trouxe uma sensação de segurança. Todos começaram a cooperar. Tudo sob controle. Vendo que as coisas estavam indo bem, Miyami Rokuyo deu uma volta pela escola, checando a segurança. — O muro não é tão alto, mas se os zumbis não se amontoarem até formar uma torre humana, a gente tá seguro por enquanto. Ele olhou para o relógio. Todo mundo sabia que o tempo de incubação variava de pessoa para pessoa. A razão de ele ter reunido todo mundo no pátio era justamente filtrar os infectados antes que se transformassem, reduzindo o risco. Agora, o próximo passo era manter todo mundo sob controle. Incluindo os infectados. E impor regras que não pudessem ser quebradas. Só assim poderiam dormir tranquilos. Quanto ao resto, ele não queria interferir. As pessoas nesse mundo virtual não eram muito diferentes da vida real. A única diferença eram pequenas nuances de personalidade. — Miyami-kun. — Kaguya. Ele se virou e viu a Lady Kaguya caminhando em sua direção. — O que você está fazendo aqui? — Deixei o comando com Hayasaka e a professora Shizuka. Kaguya mordeu levemente os lábios antes de virar o olhar para a rua em frente à escola, mudando de assunto: — Essa avenida não tem muitas lojas, só estudantes passam por aqui. Acho que é um ótimo ponto estratégico. — Concordo. Rokuyo concordou: — O caos só começou, mas vai se espalhar rápido. E temos que ficar aqui um mês inteiro. Por isso, eu e Shizuka vamos sair para... "fazer umas compras". — "Compras"? — Quer dizer, coletar suprimentos. — ...Rokuyo-kun sempre fala coisas estranhas. Kaguya reclamou, franzindo o nariz. Ela não gostava de não entender as coisas. Capítulo 35 - O Conselho Estudantil do Apocalipse — Sobre os suprimentos... Kaguya apertou as sobrancelhas: — Hayasaka já tinha avisado que os empregados iam trazer, mas ainda não chegaram. Deve ter acontecido algum problema. Rokuyo ficou surpreso: — Já estava tudo preparado? Tão rápido? — Sim, tudo no carro. Ela olhou para ele, um sorrisinho surgindo nos lábios: — Se conseguirmos trazer os três caminhões de suprimentos... E os funcionários da família Kaguya já foram avisados e estão se preparando. [...] Rokuyo ergueu o polegar, impressionado: — Kaguya, quero ser seu protegido. — Negado. Ela virou o rosto, mas os olhos estavam sorrindo. — Kaguya... — Hm? — Se realmente fosse o fim do mundo... o que a gente faria? [...] Ela pensou por um momento antes de responder, baixinho: — Faríamos o que deve ser feito. E sobreviveríamos juntos. Uma resposta simples. E, com as habilidades deles, sobreviver seria fácil. Rokuyo não achava que só ele tinha ganhado um poder forte. Então... Mesmo com zumbis por aí, não seria o fim do mundo. Mas... De onde esse vírus veio? Outras catástrofes poderiam surgir depois? Ninguém sabia. Ele respirou fundo e falou: — Vamos. Já é hora de mover todo mundo. — Problemas com moradia, comida, segurança... e conflitos internos podem atrapalhar. Temos que evitar isso. [...] Ele deixou os detalhes para a professora Shizuka cuidar. Enquanto isso, ele se transformou em uma "impressora", marcando cada aluno que passava com seu selo, moldando todos à sua vontade. Mas não interferiu no livre-arbítrio de ninguém. Apenas impôs três regras: 1. Não ataque seus companheiros. 2. Não aja por conta própria. 3. Reporte qualquer infectado imediatamente. Assim, só precisariam lidar com ameaças externas e a questão da comida. Mas isso não seria problema. Kaguya já tinha preparado

tudo com a família. Mesmo que os Kaguya também tivessem sofrido perdas, conseguiram organizar sua força. Naquela mesma tarde, um grupo apareceu na Academia Privada Toyosaki. E então... Foram todos incorporados ao "harém" de Rokuyo. Ninguém escapou. A não ser os mais confiáveis. Sob os arranjos de Miyamizu Rokuyo e Shiomiya Kaguya, e com a execução de Hayasaka Ai e Shizuka-chan, entre outros, a Academia Privada Toyogasaki continuou funcionando como sempre. No dia seguinte, no escritório do conselho estudantil. Shiro Meguri entregou um café com ar de quem estava sendo injustiçada, murmurando baixinho: — Ei, juninho... eu que sou a presidente do conselho estudantil, viu? — A partir de hoje, a senhora é a mascote. — Mas nem existe esse cargo no conselho estudantil! — Existe sim. Miyamizu Rokuyo pegou o café e disse: — A partir de agora, estamos reformulando o Conselho de Gestão do Fim do Mundo da Escola. A senhora só precisa ficar responsável por fornecer Energia Meguri pra todo mundo. — Energia Meguri? Shiro Meguri, sentada no sofá com postura impecável, inclinou a cabeça para o lado, olhando para Rokuyo com olhos grandes e confusos. — Já ouviu falar de animadoras de programadores? Rokuyo sorriu. — A senhora vai ser tipo isso. Um papel super importante. — Hmm... Meguri piscou várias vezes, sentindo que o juninho ali estava subestimando ela. Foi quando alguém bateu na porta. Hayasaka Ai, com um pirulito na boca, abriu a entrada, e Shiomiya Kaguya adentrou o recinto. — Bom dia, Kaguya. — Bom dia, Rokuyo. Kaguya brilhou por dentro ao vê-lo, deu uma olhadinha rápida para Meguri e, fingindo total indiferença, cumprimentou com naturalidade forçada. [Pelo amor de Deus, para de fingir.]

<http://portnovel.com/book/13/1908>